

AS FUNÇÕES DISCURSIVAS DAS RECATEGORIZAÇÕES

Janaica Gomes MATOS⁸

Mariza Angélica Paiva BRITO⁹

Resumo: Neste trabalho, propomos uma classificação das possíveis funções assumidas pelas recategorizações nos diferentes contextos discursivos. Para tal fim, retomamos a análise pioneira de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) sobre as recategorizações, relacionando as expressões referenciais por nós abordadas às anáforas diretas classificadas em Cavalcante (2003) e a certas funções discursivas apontadas por Koch (2004). Com isso, analisamos textos de diversos gêneros, que foram escolhidos aleatoriamente. Com a análise dos dados, averiguamos traços funcionais das recategorizações, que vieram a compor nossa classificação e nos levaram a constatar que as recategorizações podem ser multifuncionais nos discursos.

Palavras-chave: Recategorização. Funções discursivas. Classificação.

Abstract: *In this paper, we propose a classification of possible functions assumed by the reclassification in different discursive contexts. For this purpose, we resume the pioneering analysis of Apothéloz and Reichler-Béguelin (1995) about reclassifications, relating the referring expressions by us addressed to the direct anaphora classified in Cavalcante (2003) and certain speech functions identified by Koch (2004). Thus, we have analyzed texts from various genres, which were randomly chosen. With the data analysis, we have ascertained functional traits of reclassifications, which came to compose our classification and led us to see that the reclassifications can be multifunctional in speeches.*

Keywords: *Reclassification. Discursive contexts. Classification.*

⁸ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC. Professora da UESPI e bolsista da CAPES/FAPEPI. Fortaleza-Ceará-Brasil. E-mail: janaicagomes@gmail.com

⁹ Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC/CAPES/PNPD. Pesquisadora do Grupo Prottexto/UFC. Fortaleza-Ceará-Brasil. E-mail: marizabrito02@gmail.com

Introdução

O presente artigo assume como objetivo investigar os tipos de recategorização existentes nos processos de referenciação sob um ângulo até hoje não bem explorado pelos pesquisadores que se ocupam da Linguística Textual: o das funções discursivas de anáforas correferenciais.

Constatamos a importância de se analisarem as transformações por que passam os referentes e as conseqüentes mudanças de designação ao longo de um texto. Por uma questão meramente metodológica este trabalho se restringe à análise das recategorizações manifestadas por expressões referenciais anafóricas correferenciais. A decisão tomada por um locutor ao escolher formas referenciais distintas, com certas alterações de significado, nunca é ingênua e constitui um importante fator de textualidade. Isto quer dizer que há vários objetivos ou intenções comunicativas que influenciam no ato da recategorização, conduzindo o desenrolar argumentativo de um texto. Assumimos que as condições socioculturais estão completamente atreladas às decisões semântico-estruturais em um texto.

A recategorização é estudada como parte de um amplo processo de referenciação no discurso, sendo este compreendido como um espaço intersubjetivo em que os indivíduos actantes dessa interação verbal se constroem uns aos outros, ao mundo e, da mesma forma, são reconstruídos. Em outros termos, a realidade existente, que se constitui de referentes discursivos, não é dada *a priori*, mas é algo que se produz, constrói-se e evolui através dessa ação interativa entre os locutores da enunciação. Portanto, de acordo com a perspectiva sociointeracionista atual, com a qual nos alinhamos, a questão não é mais buscar uma correspondência exata entre expressões referenciais e coisas do mundo real ou imaginário, mas observar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas têm de fato o poder de estruturar e dar um sentido ao mundo (MONDADA e DUBOIS, 1995, p.20).

Muitas questões ainda não foram bem esclarecidas ou necessitam de maior reflexão no tocante ao aspecto discursivo das recategorizações. Dentre os estudiosos que, de algum modo, abordaram o assunto, Mondada e Dubois (1995), por exemplo, contribuíram significativamente para o desenvolvimento de ideias sobre a construção dos objetos de discurso. As duas autoras concluem que as categorias utilizadas para descrever as coisas tendem a mudar tanto sincrônica quanto diacronicamente. Por isso, Mondada e Dubois (1995)

denominam essas variações de “categorias evolutivas”. Entretanto, não era objetivo das autoras proporem nenhuma classificação dos elementos recategorizadores.

A recategorização ocorre no processo referencial, quando o locutor promove a transformação de um objeto de discurso, selecionando, para ele, a denominação mais conveniente ao contexto e a seus propósitos comunicativos. Dessa forma, gera-se uma mudança tanto em nível linguístico quanto em nível cognitivo por meio dessa operação.

Essa tentativa de descrição dos modos de recategorizar, que nos parece extremamente útil para ampliar a compreensão do fenômeno, foi empreendida por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), autores que se destacam com seu estudo seminal sobre recategorização. Eles advertem que os tipos de anáforas recategorizadoras não somente apontam um objeto discursivo, mas também o modificam, fazendo-o sofrer diversas transformações em função de um contexto enunciativo. Dentre os autores que retomam os estudos de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), destacamos aqui os trabalhos de Marcuschi e Koch (1998), Koch (2002; 2004), Cavalcante (2000; 2003).

Uma tentativa de sistematização de funções argumentativas

Entendemos que é necessário explorar o aspecto funcional das recategorizações. Por isso, com este objetivo, buscamos algumas regularidades para uma proposta de classificação das funções discursivas que podem ser evocadas pelas expressões anafóricas correferenciais.

Estamos propondo as seguintes funções argumentativas das recategorizações:

| | |
|----------------------------|-------------------|
| "Avaliativa" ¹⁰ | |
| "Não avaliativa" | |
| De glosa | Por definição |
| | Por correção |
| | Por especificação |
| Estético-conotativa | |

Sob o plano formal, as funções acima podem se manifestar pelas seguintes formas: paráfrases, nomes gerais, nomes metalinguísticos, nomes especificadores (hipônimos), nomes

¹⁰ Os dois termos estão aspeados por termos consciência de que toda expressão é argumentativa e, contextualmente, avaliativa. Todavia, falta-nos ainda um termo adequado para exprimir a ideia de que certas expressões referenciais explicitam a avaliatividade, mais do que outras.

que expressam relação metonímica, além de outras particularidades semânticas que este artigo não se ocupará em exaurir.

Sabemos que a seleção das particularidades semântico-formais não é aleatória e que sempre atende a propósitos enunciativos. Nenhuma pesquisa jamais esgotaria as possibilidades de funções discursivas, por isso sugerimos que aspectos mais formais relacionados a tais funções sejam desenvolvidos numa pesquisa mais ampla.

Explicaremos, agora, cada uma das funções por nós sugerida, mas analisaremos aqui exclusivamente os casos manifestados pelas anáforas diretas, consoante à proposta taxionômica de Cavalcante (2003), quanto às expressões referenciais. Malgrado a autora não lide mais com tal classificação, cremos que muitos dos tipos descritos por Cavalcante (2003) são úteis à presente análise.

A função "avaliativa"

A função "**avaliativa**" ocorre quando há uma denominação axiológica, ou seja, um juízo de valor explicitado na própria expressão referencial anafórica. Neste caso, verifica-se um sentido valorativo, em geral, indicado por expressões ou paráfrases nominais que concentram uma determinada opinião ou posicionamento (o qual pode ser verdadeiro ou simulado) perante o objeto referido. Esse tipo anafórico equivale ao que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) denominam como "argumentação".

O exemplo abaixo mostra como os dois autores exemplificam essa função:

(1) O reflexo conservador surpreendeu o vizinho gaulês. A adoção pelo parlamento francês da lei Tubon contra o "franglês" é um exemplo bastante ridículo. *Esta nova anglicização da língua*. (APOTHÉLOZ e BÉGUELIN, 1995, p.5)

De fato, não podemos negar que a recategorização "esta nova anglicização da língua" expressa uma avaliação, uma vez que comprova determinado posicionamento ou apreciação explícita diante do referente posto em discussão no texto. Logo, percebemos que esta avaliação funciona como um importante reforço para a intenção argumentativa de seu emissor.

Analisemos mais um exemplo:

(2) Novo! Gillette MACH 3 Turbo

A Gillette apresenta *uma inovação que vai virar o mundo do barbear de cabeça para baixo*. Com o novo Gillette MACH3Turbo, você tem um barbear mais confortável em qualquer direção, mesmo no sentido contrário ao crescimento dos pelos. As inovadoras lâminas, os microtensores mais flexíveis e a fita lubrificante reforçada garantem que você possa escanhoar sem irritar a pele. Tudo para um barbear mais suave. Alguém contra?

Barbear confortável mesmo quando os pelos são do contra.

Suavidade em todos os sentidos. (anúncio Revista *Veja*, maio, 2005, p.76)

O texto acima, classificado como gênero anúncio, se compõe de várias anáforas, dentre elas a direta total, ou correferencial, “uma inovação que vai virar o mundo do barbear de cabeça para baixo”, retomando o produto anunciado, e de indiretas, ou seja, de anáforas não correferenciais, como “as inovadoras lâminas”, “os microextensores mais flexíveis” e “a fita lubrificante reforçada”, segundo a classificação das expressões referenciais de Cavalcante (2003). Uma vez que, em nosso estudo, propusemo-nos a examinar somente as anáforas do primeiro tipo mencionado, não analisaremos essas ocorrências. Vemos que o sintagma “uma inovação que vai virar o mundo do barbear de cabeça para baixo” manifesta-se com grande força de persuasão e conduz a uma avaliação positiva a respeito do referente. Nestas condições de produção do discurso, a razão para tal atribuição apreciativa é o objetivo de propagar o produto “Gillette MACH3 Turbo”, convencendo o consumidor de que vale a pena comprar.

Decidimos alterar a denominação deste tipo de anáfora em nossa proposta porque a função de *argumentação* não está presente apenas numa espécie de recategorização, mas em todas. A função argumentativa, de caráter amplo, é algo inerente a todas as expressões. Conforme diz Koch (1999, p.19): “[...] o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo”. Desse modo, seguindo o pensamento da autora, achamos que a “argumentação” não é uma função exclusiva, mas que, ao contrário, está diluída em todas as outras, ainda que exista em grau maior ou menor, dependendo dos contextos. E as demais funções atendem, na verdade, a propósitos argumentativos.

A função "não avaliativa"

A função "**não avaliativa**" caracteriza-se por não apresentar juízos de valor na denominação recategorizadora, uma vez que este tipo expressa diferentes graus de uma suposta neutralidade. Ao contrário da função acima descrita, o papel desempenhado por esta anáfora é o de referenciar de forma atributiva, porém não acrescentando avaliações ao objeto reativado. Exemplo:

(3) TERMO DE DEPOIMENTO DA PARTE AUTORA

[...] Dada a palavra ao Defensor Público, em prol da promovida, às suas perguntas respondeu: [...] que desde os quinze anos de idade a requerida trabalha; que na época do arbitramento da pensão alimentícia em questão o depoente ainda oferecia ajuda à requerida; [...] que a filha nasceu no mês de junho do ano p.p.de 1980; que *a aludida pensão alimentária* foi acordada no ano p.p.de 1996 [...] (JuTD01- Prottexto)

No item acima, “a aludida pensão alimentária” remete ao referente de “a pensão alimentícia”, de forma a acrescentar-lhe informações de forma argumentativa, mas o realiza de forma *não avaliativa*, apenas para frisar que está tratando do mesmo referente já mencionado anteriormente. Sabemos que, no tipo de gênero discursivo acima, predomina o intuito de objetividade do locutor, ainda que tal propósito possa ser cumprido apenas de modo aparente.

A função de glosa

O vocábulo *glosa* diz respeito a comentário, nota esclarecedora, daí por que, em nossa proposta, a função de **glosa** pode consistir em recategorizar com o objetivo de definir, corrigir ou especificar. Por isso, consideramos aqui três tipos de glosa: por *definição*, por *correção* e por *especificação*.

Glosa por definição

Serve para explicar a natureza do objeto em foco no discurso, pela utilização de uma expressão nominal ou uma paráfrase definidora. Assim, podemos encontrar esta função manifestada por nomes gerais, nomes metalinguísticos, hiperônimos, nomes que expressam relações metonímicas, nomes especificadores (hipônimos) ou até por outras formas possíveis de serem encontradas. É interessante a observação de que o aspecto semântico-formal destas expressões presta-se ao intuito do enunciador de definir o referente.

Acrescentemos a isso o fato de que, embora sendo um uso de grande utilidade em certos gêneros do discurso didático e de divulgação científica, a *glosa* recategorizadora costuma aparecer como estratégia de constituição dos mais variados gêneros, de acordo com nossa investigação.

Relembremos o exemplo extraído de Koch (2004):

(4) Duas equipes de pesquisadores dos EUA relatam hoje descobertas que podem levar à produção de drogas mais eficientes contra o antraz. Para destruir *a bactéria*, os potenciais novos remédios teriam um alvo específico... (Folha de S. Paulo, 24 out. 2001, A-10) (Retirado do exemplo adaptado de KOCH, 2004, p.72)

Nesta ilustração, Koch (2004) denomina de hiperônimo “a bactéria”, cuja remissão é a “o antraz”. Destarte, tem-se uma definição, pois se trata de uma explicação metalinguística concisa sobre o novo referente apontado.

Koch (2004) reconhece a ocorrência destas anáforas, no que concerne às funções cognitivo-discursivas das expressões nominais referenciais, citadas em sua obra. Sobre este tipo, a autora assevera que pode haver a “atualização de conhecimentos por meio de glosas realizadas pelo uso de um *hiperônimo*”. Todavia, reiteramos aqui nossa ressalva quanto a tal definição: a *glosa por definição*, a nosso ver, não se dá somente por hiperônimos, como mostra a autora, mas também por outras formas, segundo poderemos observar.

A fim de comprovar o uso das formas que manifestam tal função, iremos analisar alguns exemplos. Começemos pela *glosa por definição* através dos hiperônimos:

(5) Feias, sujas e imbatíveis

As baratas estão na Terra há mais de 200 milhões de anos, sobrevivem tanto no deserto como nos pólos e podem ficar até 30 dias sem comer. Vai encarar?

[...] Mas mesmo tomando todos os cuidados necessários, o contato com *as monstrenhas* é inevitável, seja em casa, no trabalho e, principalmente, ao ingerir alimentos. [...] “Os locais campeões em incidência *desses insetos* são as padarias, onde há oferta abundante de alimento, utensílios domésticos e esconderijos”, conta.

[...] Recapitulando: as baratas são feiosas, nojentas e fazem mal à saúde. Então qual a utilidade *desses bichos* no mundo? A resposta divide os pesquisadores. De um lado, há os que, como Milano, defendem *o animal*. (Reportagem Revista Galileu, fev. 2004, p.28)

Todas as expressões referenciais em destaque retomam “as baratas”. No caso de “as monstrenhas”, há demonstração clara de tom pejorativo, sendo, portanto, uma função *avaliativa*. Porém, percebemos que um papel diferente é assumido pelas demais anáforas, “esses insetos”, “esses bichos” e “o animal”. Estas se classificam, segundo o que propomos, como *glosa* por hiperônimo, na medida em que a barata é, em termos gerais, um inseto, um bicho e, conseqüentemente, um animal. Observe-se como varia o grau de genericidade dos termos, por isso uma investigação desses valores semânticos poderia ser muito elucidativa, em trabalhos futuros.

Para reforçar nossa compreensão, examinemos mais um exemplo:

(6) O Pica-Pau Ataca Novamente. Soa esquisito para uma estreia, mas foi esse o título em português do episódio com a primeira aparição do *personagem* (Knock Knock, no original), em 40. [...]

Seu criador, Walter Lantz, costumava dizer que teve a ideia para *o passarinho topetudo* durante sua lua-de-mel a três: o terceiro integrante do chalé era um pica-pau irritante que não parava de fazer barulho. [...]

O arretadíssimo passarinho se adaptou bem ao Brasil. Chegou mesmo a ser tema de uma música da Jovem Guarda [...] (Reportagem revista Flashback, dez. 2004, p.19)

Acima, temos três expressões anafóricas que modificam o sentido da introdução “O Pica-Pau”. A primeira é “o personagem”, cuja função é somente *não avaliativa*. Já não

podemos dizer o mesmo sobre os termos “o passarinho topetudo” e “o arretadíssimo passarinho”, que, além de serem claramente *avaliativos*, cumprem a função de *glosa* ao se juntarem ao hiperônimo "passarinho".

Vejamos, agora, casos de glosa por nomes gerais:

(7) O futuro está aqui

Começo de ano é sempre uma boa época para pensar no futuro. [...]

No entanto o futuro não promete só coisas bacanas. [...]

E para quem gosta do *tema*, uma boa dica para saborear a ficção enquanto ela não vira realidade. No começo do mês vai estrear um novo filme do gênero: “A Linha do Tempo”, baseado no best seller homônimo de Michael Crichton, o mesmo de “Parque dos Dinossauros”. (Editorial revista Galileu, fev.2004, p.4)

Note-se que “o tema”, nome recategorizador de “o futuro”, representa um *nome geral* (cf. HALLIDAY e HASAN, 1976), que se adequou ao referente neste contexto. No caso, “tema”, ou assunto a ser discutido na revista, é uma classificação de cunho geral apontada para o referente de “o futuro”.

Quanto à glosa através de nomes que revelam um caráter metonímico, leiamos o exemplo seguinte:

(8) FLASHBACK ano 1

[...] recebemos, até o início de novembro, 250 e-mails relativos principalmente às edições 1 (capa dos Trapalhões) e 2 (Legião Urbana). Enquanto escrevo isso, a edição 3 (Roberto Carlos) mal chegou às bancas.

[...] Queremos saber o que você está achando da *revista*. (Editorial revista Flashback, dez. 2004)

No exemplo (8), “a revista” retoma o substantivo “Flashback”. Neste caso, esta recategorização representa um sentido metonímico no que diz respeito à sua âncora no cotexto, porque se revela o uso de uma *marca de um produto* “Flashback” e, depois, explica-se que se trata do *produto* “a revista”. Então, tal forma cumpre a função de esclarecer a natureza do referente.

Atentemos, agora, para casos desta função mediante nomes metalinguísticos:

(9) *Solidão positiva!*

Submetido por Edson Rodrigues... em Quarta, 2005-07-06 15:14

A palavra Solidão

Assusta a muitos irmãos

Irmãos que buscam na ansiedade

Tudo para suprimir o medo da solidão

Solidão pode ter outro prisma

Em nossa visão [...] (Poema - Internet, 2005)

No caso acima, a entidade referida inicialmente como “solidão positiva” é redenominada como “a palavra solidão”, o que implica uma função de *glosa* por meio de nome metalinguístico, na medida em que tal expressão anafórica retoma não o referente “solidão”, mas o próprio vocábulo como menção, explicando-o como um termo do léxico português.

Observemos um caso semelhante:

(10) [...] Felizmente – ah! um infelizmente neste último capítulo de um caipora é, na verdade, uma anomalia; mas vão lendo, e verão que *o advérbio* pertence ao estilo, não à vida; é um modo de transição e nada mais. [...] (Conto Último Capítulo, Machado de Assis, 1997, p.60)

No último exemplo, “o advérbio” é o elemento recategorizador de “um infelizmente”. Assim sendo, há nisso uma função de *glosa* por nome metalinguístico pelo fato de a anáfora referir-se ao termo mencionado, operando como uma reflexão sobre o próprio termo.

Temos ainda, em nossa proposta, os casos nos quais a *glosa* se apresenta sob a forma de paráfrase. As construções parafrásticas, ‘definicional’ e ‘didática’ foram explicitadas por Koch (2004) como funções discursivas das formas referenciais. Consideramos mais apropriado, em nossa proposta, associar o primeiro tipo de paráfrase aos casos de *glosa*, com a mesma função recategorizadora, como se pode perceber pelo exemplo abaixo:

(11) [...] Lançada em 1897, a aspirina era indicada inicialmente apenas como analgésico. Com o tempo, *o remédio feito a partir da casca de salgueiro* provou-se eficaz contra inflamações, doenças do coração e alguns tipos de câncer, entre outros benefícios. (Reportagem Revista Veja, maio, 2004, p.86)

Notemos que a recategorização acima, “o remédio feito a partir da casca de salgueiro”, caracteriza-se como uma paráfrase, por constituir-se de uma expansão, a qual evidencia um enunciado lexical e sintaticamente mais complexo do que a expressão a que se refere. (cf. HILGERT, 1996) É também definicional, já que define que a “Aspirina é um remédio extraído da casca do salgueiro”. Estamos, pois, considerando as paráfrases não como funções, mas como reelaborações semânticas.

Salientamos, sobretudo, que tal expansão parafrástica possui como núcleo o substantivo de significado mais geral “remédio”, que retoma o sentido particular de “aspirina”.

Por conseguinte, sugerimos denominar esta recategorização de *glosa por definição* através de paráfrase – que, neste caso particular, é também *avaliativa*. Isto se deve ao fato de que esta recategorização expressa uma avaliação sutil, pois sugere que a matéria da qual este remédio tão eficaz foi feito é bastante simples, por se tratar de uma planta florífera.

É interessante notar que os casos de *glosa* existem com função *avaliativa* ou *não avaliativa*, uma vez se admitindo que as recategorizações podem exercer mais de uma função simultânea num mesmo ato enunciativo. Nestas situações, por exemplo, a recategorização pode também ter sido motivada por um desejo de *evitar repetição de palavras*, por isso dizemos que esta função existe potencialmente nas recategorizações, nos casos gerais de substituição de uma designação por outra.

Em geral, pode-se dizer que a glosa é uma importante ‘estratégia metaformativa’ (cf. KOCH, 2004), pois se volta para o próprio texto, de maneira que esclarece o sentido dos termos empregados, refletindo, assim, sobre a forma do dito, o que se caracteriza como um ato metadiscursivo.

A função de glosa por correção

Existe glosa por correção quando o falante recategoriza com o fim de negar, reformular ou corrigir uma denominação anterior, indicando outra como sendo a mais conveniente e assinalando, explicitamente, a inadequação da primeira nomeação. Isto ocorre por meio de expressões nominais ou por paráfrases. Tais formas podem vir a ter as mesmas características semântico-lexicais da glosa por definição, porém, esta função tem a especificidade de ocorrer após a indicação de expressões corretivas do tipo *ou melhor, quer dizer* e outras; ou iniciando certos comentários metalinguísticos.

Essa mesma noção funcional de correção pode ser encontrada em Mondada e Dubois (1995) e em Koch (2004). Mondada e Dubois (1995) lembram que, em termos gerais, a correção é um processo que existe tanto em textos orais (com grande frequência) como em textos escritos. Segundo as autoras, isto acontece não somente nos casos de rasuras visíveis nos manuscritos, mas também nas subversões da linearidade textual. Neste último caso, poderá ocorrer uma recategorização, como no exemplo a seguir:

(12) Se me for permitido contar, falarei da série de provações que me foram necessárias para encontrar ‘um quarto’..., não, ‘*uma toca*’ no Grande Albergue da Europa, administrado pelo osignore Pietro Roberti. (Achard, Montebello, Magenta, Marignan. *Lettres d’Italie* (mai et jun, 1859), Paris, 1859; 50) (MONDADA e DUBOIS, 1995, p.31)

Acima, tem-se que “uma toca” reformula a referência anterior, “um quarto”. O uso do advérbio “não” evidencia que o locutor reprova a designação inicial no discurso, para, em seguida, redenominar o referente. Percebemos, pois, o valor *avaliativo* que esta correção adquiriu ao tratar do objeto de maneira um tanto irônica.

Koch (2004) demonstra que a “correção” faz parte dos tipos de estratégias textuais metaformativas, chamadas de ‘reformulativas’. Contudo, convém lembrarmos que, em Koch e Silva (1996), estabelece-se uma diferença entre dois tipos de ações reformulativas: as ‘saneadoras’, por meio das quais o locutor retoma um segmento do texto a fim de sanar alguma deficiência, esclarecendo, assim, o sentido idealizado; e as que não são saneadoras, mas se prestam a satisfazer certos propósitos argumentativos. A correção, bem como certas paráfrases e repetições, enquanto estratégias reformulativas, não ocorrem, neste caso, para

“resolver” problemas de formulação detectados, mas para exercerem um importante papel no desenvolvimento da argumentação do locutor.

(13) Fiel ao meu hábito, eu me dirigi para o porto. [...] é necessário, para subir lá, uma firmeza que eu não tenho, e, voltando por onde vim, eu deixei o faz de conta de cais, para me fechar com as minhas lembranças no apartamento... quer dizer, *na sala de teto arredondado, obscura e tão ampla* que não reconheceríamos o próprio pai se ele estivesse na outra extremidade, que me foi dada como quarto de dormir. (Gaparin, Voyage d’une ignorante dans le midi de la France et l’Italie, Paris:Paulin, 1835, v1.p.147) (MONDADA e DUBOIS, 1995, p.31)

Note-se que a paráfrase “a sala de teto arredondado, obscura e tão ampla” negocia uma nova atribuição ao referente “o apartamento”. Com efeito, ao verificarmos as condições de produção deste texto formal escrito, o qual é menos espontâneo e bem mais elaborado que o discurso oral, acabamos por depreender que a forma de correção recategorizadora que nele existe não tem a finalidade de sanar deficiências formulativas. Na verdade, o locutor se autocorrige, usando a expressão “quer dizer”, para propor uma reinterpretação de “o apartamento”, o qual é *avaliado* pejorativamente no discurso. Por outro lado, neste caso, vemos também a força emotiva que emana do locutor, através da recategorização. A paráfrase acima modifica o referente conforme o sentimento ou a subjetividade do enunciador.

(14) Ninguém ousa namorar as deusas do sexo

[...] Que nos prometem elas, com suas formas perfeitas por anabolizantes e silicones? Prometem-nos um prazer impossível, um orgasmo metafísico, para o qual os homens não estão preparados.

[...] *Essas fêmeas pós-industriais* foram fabricadas pelo desejo dos homens ou, melhor, pelo desejo que elas gostariam de ter ou, melhor ainda, pelo poder fálico que as mulheres pensam que os homens possuem. (Artigo de opinião, Folha de S. Paulo, 1999, p.10)

Estas correções parafrásticas, de alto poder retórico, beneficiam os argumentos defendidos pelo autor do artigo. No entanto, ressalvemos que a primeira recategorização, “essas fêmeas pós-industriais”, tem uma função unicamente *avaliativa*. Já o restante dos termos destacados tende também a corrigir, de forma não menos *avaliativa*, “o desejo dos

homens”, pois, na verdade, o que o enunciador “pretendia” dizer era “o desejo que eles (os homens) gostariam de ter” e “o poder fálico que as mulheres pensam que os homens possuem”.

Observemos o item a seguir:

(15) [...] O eixo que surge anunciado pela formação do governo Lula é o que sobrou da vasta indeterminação. Entre a avenida Paulista e São Bernardo: uma política-econômica ortodoxa, para não dizer *tucana*, e uma política social petista, Palocci-Meirelles e Fome Zero-Ministérios Sociais. [...]

O programa que ficou conhecido como neoliberal e, entre nós, tucano, enquanto sociabilidade, menos que ideologia, está de corpo inteiro no par Palocci-Meirelles, e até na definição do social, que não se apresenta como antagônico ao econômico, mas como sua correção. E nos conselhos que renomados articulistas vêm repetindo à exaustão: autonomia do Banco Central, corte nas despesas do governo, uso implacável da taxa de juros, "sensatez" na negociação da Alca, eliminação de privilégios corporativos (leia-se *derrogação dos direitos constitucionais do funcionalismo público*) (Artigo de opinião, Folha de S. Paulo, dez. 29, 2002)

Aqui se realizam correções que auxiliam na construção retórica do contexto; são elas as formas “tucana” e “derrogação dos direitos constitucionais do funcionalismo público”. Constata-se que o termo “para não dizer...” é um recurso usado para indicar uma nova designação ao ser, assim como a expressão “leia-se”, que sugere ao leitor uma outra compreensão dos referentes mencionados anteriormente. Trata-se de expressões de heterogeneidade enunciativa, chamadas por Authier-Revuz (2004) de *não coincidências do dizer*. São formas que marcam o jogo polifônico que se percebe entre os posicionamentos distintos que elas opõem (ver, sobre isso, Fonseca, 2010, e Brito, 2010).

A função de glosa por especificação

A função de **glosa por especificação** serve para recategorizar os referentes de forma específica, partindo-se de um sentido geral para um particular. No que diz respeito a isso, Koch (2004) menciona o uso da “anáfora especificadora”, termo utilizado pela própria autora

para designar os casos em que se faz um refinamento da categorização através da sequencia hiperônimo / hipônimo, de modo a trazer, compactamente, ao discurso, informações novas correspondentes ao objeto discursivo.

(16) Uma catástrofe ameaça uma das últimas colônias de gorilas da África. *Uma epidemia de Ebola* já matou mais de 300 desses grandes macacos no santuário de Lossi, no noroeste do Congo. Trata-se de uma perda devastadora, pois representa o desaparecimento de um quarto da população de gorilas da reserva. (retirado de KOCH, 2004, p.74)

Não será difícil discernirmos que o sintagma nominal “uma epidemia de Ebola” é uma referência que especifica “uma catástrofe”. Inicialmente, introduziu-se o referente de maneira vaga, imprecisa no texto. Logo em seguida, traduziu-se tal catástrofe anunciada como “uma epidemia de Ebola”, que é um nome específico.

(17) Cientistas da Universidade de Massachusetts sequenciaram o genoma de um micro-organismo que pode sobreviver em condições dez vezes mais salgadas do que a água do mar. Os dados genéticos deverão esclarecer como *esse organismo - Halobacterium* – vive em ambientes extremos, como minas de sal ou lagos salgados. A ideia dos pesquisadores é utilizar essas informações para o desenvolvimento de produtos biotecnológicos, como planta de arroz, que possam crescer em solos salinos.

(extraído de KOCH, 2002, p.87)

Aqui nos reportamos ao objeto de discurso “esse organismo - Halobacterium”, cuja interpretação remete à introdução referencial “um micro-organismo que pode sobreviver em condições dez vezes mais salgadas do que a água do mar”. Tal anáfora consegue evidenciar, de modo particular, que tipo de organismo está sendo pesquisado pelos cientistas acima referidos. Uma vez que “Halobacterium” é um termo que pode ser classificado como hipônimo de “micro-organismo”, diremos que estamos diante de um caso de recategorização cuja função discursiva é a de *glosa por especificação*.

Vejamos, em seguida, uma ocorrência de recategorizações sucessivas a respeito de um referente. Em tal item, há diferentes funções; dentre elas, anáforas com funções de glosa que especificam e outras que, ao contrário, generalizam. Neste contexto, constatamos que a função

discursiva de *glosa por especificação* se manifesta de maneira inversa à de *glosa por definição*, no plano semântico-lexical:

(18) O quebra-cabeça de Arquimedes

Pergaminhos revelam *trabalho inédito do grego* em análise combinatória

Como se não bastasse ter sido o descobridor de leis da física, inventor de engenhocas para facilitar a vida humana e um dos maiores matemáticos de todos os tempos, Arquimedes (287-212 a.C.) agora é apontado também como o possível inventor de *um dos passatempos mais antigos do mundo*.

[...] Com o auxílio de raios ultravioletas e de programas de computador para separar o que seria original (transcrição do trabalho de Arquimedes) de ruídos (orações escritas, mofos etc.), a equipe liderada por Netz chegou à conclusão que o grego deixou um trabalho inédito sobre *um passatempo da Antiguidade: o stomachion*.

O trabalho descreve *um quebra-cabeça que consiste em um quadrado fracionado em 14 partes*. O objetivo do jogo é, depois de embaralhados, juntar esses 14 pedaços para formar novamente o quadrado ou ainda outras figuras conhecidas. *O stomachion* é parecido com o Tangram, mais difundido hoje, o desafio chinês de 7 peças.

Os especialistas não compreendiam como um gênio como Arquimedes poderia ter perdido seu tempo com um trabalho sobre *um brinquedo desses para crianças*. (Reportagem Revista Galileu, 2004, p.68)

Detectamos, na ilustração acima, a evolução sofrida pelos objetos “Arquimedes” e, principalmente, por seu “quebra-cabeça”. Isso se denuncia através das recategorizações “trabalho inédito do grego”, “um dos passatempos mais antigos do mundo”, “um passatempo da Antiguidade: o stomachion”, “um quebra-cabeça que consiste em um quadrado fracionado em 14 partes”, “o jogo”, “O stomachion”, “um brinquedo desses para crianças”. Vemos que os dois primeiros sintagmas citados “trabalho inédito do grego” e “um dos passatempos mais antigos do mundo” desempenham um papel de “*glosa por definição avaliativa*” no discurso. Já o terceiro, “um passatempo da Antiguidade: o stomachion” envolve uma *glosa por especificação*, pois refina a categorização feita ao especificar, também de modo *avaliativo*, de qual tipo de passatempo da Antiguidade se tratava; no caso, do stomachion, que é a informação nova acrescentada ao referente. Em “um quebra-cabeça que consiste em um quadrado fracionado em 14 partes”, tem-se uma função de *glosa por definição não avaliativa*,

que apenas acrescenta informações de como tal passatempo é constituído. Em seguida, vê-se uma nova forma de *glosa por definição não avaliativa*, “o jogo”; depois disso, volta-se a recategorizar de modo especificador por meio do nome “O stomachion”. Por fim, “um brinquedo desses para crianças” revela-se fortemente *avaliativo*, em forma de *glosa por definição*, principalmente em virtude do pronome “esses”, o qual sugere um sentido pejorativo ao objeto criado por Arquimedes.

Vejamos outro item semelhante:

(19) A crescente demanda e a escassez do pescado no Baixo São Francisco transformaram o cenário do Rio. É comum encontrar tanques-rede, ou *gaiolas*, para a produção de peixes em cativeiro ao longo do leito e em seus afluentes. Trata-se de *uma atividade econômica que se prolifera no Velho Chico e rende bons lucros para seus investidores*.

A busca por um projeto pessoal de vida e a paixão pelos peixes levaram Mário de Albuquerque e Rodolfo Lima a criar *tilápias* em gaiolas, próximo à foz do São Francisco, em Brejo Grande. [...] (Reportagem, Jornal de Aracaju, dez. 2001, p.51)

Identificamos, acima, três diferentes recategorizações. O sintagma com função de *glosa por correção não avaliativa*, “gaiolas”, ajusta ou retifica a primeira denominação “tanques-rede”. Já a segunda expressão anafórica, “uma atividade econômica que se prolifera no Velho Chico e rende bons lucros para seus investidores”, define a natureza de “produção de peixes em cativeiro”; por isso a consideramos *glosa por definição avaliativa* manifesta, inclusive, por paráfrase. Apenas a última recategorização, “[criar] tilápias” funciona como *glosa por especificação não avaliativa* do hiperônimo “peixes”.

A função estético-conotativa

A função *estético-conotativa* é bastante encontrada não somente, mas de modo principal, nos textos literários. Vista sob este aspecto, a recategorização assume um papel fundamental de recriar os referentes a partir de um mundo ficcional, no qual se constrói uma rede de relações inferenciais complexas e ambíguas, mas que passam a dar coerência à leitura.

Conforme se conclui em Jaguaribe e Cavalcante (2002), a referência literária é extremamente instável e multiforme, acarretando mudanças semânticas, que podem se

explicitar ou não no modo de designação, como acontece com relação a certas repetições na progressão do discurso. Porém, vejamos um caso de mudança de nomeação *estético-conotativa* explícita lexicalmente:

(20) ENIGMA

Não suponho. Creio
na força universal que move o mundo,
ordenando e desordenando a natureza.
Essa mesma força que torna o mar bravio
traz a tempestade impiedosa,
a fúria indesejável do vento,
os terremotos, furacões,
cataclismas e enchentes devastadoras.
Essa mesma força universal
que cria o ar puro das montanhas,
a mansidão das águas, o céu azul e limpo,
as noites poéticas de luar.
(Poema de Ary de Albuquerque, 2003, p.60)

Verifica-se a função *estético-conotativa* nesta mensagem poética, por meio das recategorizações de “a força universal que move o mundo”: “Essa mesma força que torna o mar bravio” e “essa mesma força universal que cria o ar puro das montanhas, a mansidão das águas, o céu azul e limpo, as noites poéticas de luar”. Esta paráfrase expressa um valor conotativo através de uma linguagem metafórica, usada com valor estético, ao se renomear o objeto.

Em síntese, ressaltamos que todas essas funções elencadas devem ser observadas do ponto de vista da intencionalidade do produtor do texto em seus contextos de ocorrência, pois o que tentamos enfatizar neste trabalho foram as recategorizações a partir das situações de uso.

Também gostaríamos de reafirmar que tais funções não são mutuamente excludentes e chegam a agir conjuntamente na construção dos sentidos.

O que temos a acrescentar sobre isso são sugestões para reflexões futuras sobre o tema estudado. Isto porque, em nosso trabalho, verificamos indícios de prováveis relações que, posteriormente, possam ser confirmadas entre as funções discursivas das recategorizações e os gêneros, bem como a respeito da frequência de tais funções.

Conclusão

De acordo com nossa análise de base qualitativa, fruto de uma pesquisa de mestrado concluída em 2005 (ver MATOS, 2005), vimos que algumas funções coexistem numa mesma mensagem e, não raro, até se coauxiliam na construção dos sentidos. Quer dizer, além da função *referencial* e *predicativa*, que são basicamente constitutivas destas anáforas, elas ainda podem ter funções discursivas simultâneas como, por exemplo, a de *glosa*, a *avaliativa* ou a *não avaliativa* e a *estético-conotativa* ao mesmo tempo. Acrescentamos a estas funções a de *evitar* uma eventual *repetição de palavras*, o que ocorre, potencialmente, em toda recategorização. Para reconhecermos tais funções, é imprescindível a observação e a análise do contexto em que a expressão anafórica se insere.

Dito de outro modo, as funções que descrevemos, em nossa proposta, somam-se umas às outras num mesmo texto. A função de *evitar repetição de palavras* pode também se somar a qualquer outra função acima discriminada.

Fizemos uma observação cuidadosa sobre as funções *avaliativa* e a *não avaliativa*: estas devem, necessariamente, existir em todos os casos de recategorização; porém, são as únicas funções mutuamente exclusivas numa mesma ocorrência de recategorização. Ou seja, segundo propomos, todos os sintagmas nominais recategorizadores contêm ou a função *avaliativa*, ou a *não avaliativa*. Contudo, qualquer uma das duas pode aliar-se a outras funções sugeridas.

Em suma, tudo isto nos leva a sustentar que existe uma multifuncionalidade nas recategorizações. E esta sobreposição de funções procede dos critérios distintos estabelecidos (caráter avaliativo, natureza metadiscursiva, valor estético-conotativo) e de outros que ainda precisam ser investigados em estudo mais aprofundado.

Referências

APOTHÉLOZ, D; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et strategies de designation. In: BERRENDONER; REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (Eds.) **Du syntagme nominal aux objects-de-discours**. Neuchâtsh, Université de Neuchâtsh, p.227-271, 1995. Tradução livre de Mônica Magalhães Cavalcante

APOTHÉLOZ, D.; CHANET, C. Definido e demonstrativo nas nomeações. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.) **Referenciação**. São Paulo; Contexto – (Coleção Clássicos da Linguística), 2003, p.131-176.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. **Introduction to Textlinguistics**. London: Longman, 1981.

BRITO, M. A. P. **Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: heterogeneidades enunciativas e construção da referência**. TESE DE DOUTORADO. Universidade Federal do Ceará/UFC. 2010. Disponível em: www.dominiopublico.com.br/tesesdissertações.

CAVALCANTE, M.M. **Expressões referenciais: uma proposta classificatória**. / Trabalho apresentado no GELNE/2003.

_____. JAGUARIBE, V.M.F. **A (re) construção da referência em contos literários**. Trabalho apresentado no GELNE/2002.

CONTE, M.E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.) **Referenciação**. São Paulo; Contexto (Coleção Clássicos da Linguística), 2003, p.177-190.

FONSECA, C. M. V. F. **Uma abordagem retórico-argumentativa para as não coincidências do dizer**. Tese. (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: Um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.) **Referenciação**. São Paulo; Contexto – (Coleção Clássicos da Linguística), 2003, p.191-228.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HILGERT, J.G. Esboço de uma fundamentação teórica para o estudo das atividades de formulação textual. In: In: CASTILHO, A.T.; BASÍLIO, M. (Orgs.) **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, vol. VI, p.19-30.

ILARI, R.; GERALDI, J.W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 2002.

KOCH, I.G.V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

_____. SILVA, M.C.P.S. A dimensão ilocutória. In: CASTILHO, A.T.; BASÍLIO, M. (Orgs.) **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, vol. 3, p.19-30.

MARCUSCHI, L.A.; KOCH, I.G.V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. Bernadete; RODRIGUES, A.C.S. (Orgs.). **Gramática do Português Falado**. v. VIII. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, p.31-56, 2002.

_____. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA**, 14, n.especial, 1998.

MATOS, J.G. As funções discursivas das recategorizações. 164 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: RODRIGUES, B; CIULLA, A. (Orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto – (Coleção Clássicos da Linguística), 2003.

SITYA, C.V.M. **A Linguística Textual e a Análise do Discurso**: uma abordagem interdisciplinar. RG do Sul, URI, 1995.